

## “RESET” em CHERNOBYL

A vasta região de Chernobyl, na maltratada Ucrânia, em que ocorreu, há cerca de quarenta anos, a explosão de uma usina nuclear, forçando o esvaziamento de cidades inteiras devido à consequente radiação que oferece perigo para a vida humana, parece estar sofrendo um “reset” natural pela introdução de vida selvagem em toda a região. Em meio à paisagem de árvores brotando entre paredes de edifícios abandonados e de cemitérios cobertos de mato, circulam livremente lincas, alces, veados e até mesmo cães, numa espécie de “pequeno milagre”, como acentuou o pesquisador Denis Vishnevski, que trabalha nessa zona de exclusão em que ainda persiste a temida radioatividade.

No ano de 1998 foi introduzida, naquela região, a título experimental, uma raça de cavalos selvagens da Mongólia, que até então que estavam em risco de extinção. Até o momento esses equinos, para surpresa dos cientistas, estão bem, reproduzindo-se normalmente.

É sabido que a radiação nuclear pode causar danos ao DNA das células humanas, além de outros efeitos, como provocar câncer a longo prazo. Essas consequências dependem, por óbvio, de sua intensidade, bem como do tempo de exposição a ela.

O extraordinário é que nesse tempo todo não se detectaram mortes de animais em Chernobyl causadas pela radiação que, segundo os cientistas, como já dito, ainda persiste até hoje. Esses mesmos cientistas apenas constataram efeitos sutis devidos a ela, como a pele mais escura de alguns sapos e a maior probabilidade de aves desenvolverem, pasmem, uma prosaica catarata. Nenhuma morte por câncer, muito menos

**efeitos causados por modificação do DNA dos animais que lá habitam.**

**Teria mesmo a natureza promovido um “reset” dos efeitos da radiação nos extensos campos em torno do qual ocorreu o maior desastre nuclear da história? Ou então a variada fauna que agora lá vive e se reproduz livremente, adaptou-se à radiação que hoje não lhe faz mal algum, mesmo porque seu nível, depois de todo esse tempo, está por óbvio mais enfraquecido? Ou ainda existe uma parte desses campos onde não há mais radiação alguma e os animais sabem, por instinto, que não devem ultrapassá-lo? Sendo correta essa suposição, seria lícito concluir que, ocorrendo desastre nuclear - Chernobyl não foi o primeiro e nem será o último - a radiação resultante não se propaga uniformemente no espaço em torno.**

**Houve um tempo, não faz muitos anos, em que a moda era que se privilegiassem usinas nucleares para obtenção de energia elétrica. Mesmo nosso país, em que se tem uma profusão de cursos d'água aptos a produzir energia limpa através de grandes ou pequenas usinas hidrelétricas, embarcou nessa ideia com os “elefantes brancos” de Angra dos Reis, que consumiram milhões de reais.**

**Hoje, o quadro de produção de energia limpa parece estar mudando, inclusive com painéis solares e torres eólicas. Até mesmo a dificuldade de se armazenar a energia dessas fontes alternativas, que não são constantes pois dependem do sol e dos ventos, já está sendo superada. Oxalá a humanidade implemente cada vez mais a transição energética e não fique na dependência do petróleo. Muito menos da energia nuclear.**

**Quem ficou entusiasmado ao saber da intensa vida animal nos campos de Chernobyl foi Erasmo, sempre interessado no progresso da humanidade, “A energia nuclear, amigo Viganó, deve ser manipulada com extremo cuidado, em pequenas doses**

**e somente para fins terapêuticos, pois do contrário pode até mesmo ser fatal”.**

**Realmente, refletindo sobre essa questão da dosagem da radiação, lembrei-me de que quase tudo na vida é uma “questão de peso e de medida”, como diz conhecido samba de nosso cancionista. Na verdade, o que é motivo de riso para uns, pode levar outros a chorar...**

**Viganó  
darly.vivano@gmail.com**